



Malan, o mais forte ministro do governo FH, tem apoio do PFL de Antonio Carlos Magalhães e bom relacionamento com pesos-pesados das finanças internacionais como Enrique Iglesias, do BID

Candidatura de Malan volta à cena

■ Recuperação da economia, postura ofensiva e apoio do PFL repõem nome do ministro na corrida presidencial de 2002

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA - A lenta recuperação da economia, iniciada no segundo semestre de 1999, não melhorou apenas a popularidade do presidente Fernando Henrique Cardoso. Também recolocou na cena política uma possível candidatura do ministro da Fazenda, Pedro Malan, à Presidência da República, em 2002.

Sem filiação partidária, e diante da premissa de que a estabilidade econômica se mantenha, o nome de Malan voltou a fazer parte do imaginário de políticos da base aliada. O ministro tem simpatizantes em todos os partidos aliados, especialmente no PFL. O PS-

DB, o PMDB e o PFL reafirmam que pretendem ter candidaturas próprias, e vários nomes já se posicionam internamente. No PSDB, os governadores Mário Covas e Tasso Jereissati e o ministro José Serra. O senador Pedro Simon, no PMDB. E os governadores Jaime Lerner e Roseana Sarney, no PFL.

Mão forte - Mas os aliados reconhecem que Malan é um nome que pode crescer em função do desempenho da economia, da posição que o presidente Fernando Henrique Cardoso vier a assumir e da força que ele tiver para influir em sua própria sucessão. "Se o presidente Fernando Henrique chegar forte ao fim do seu

mandato, em cima de quem ele puser a mão será reaglutinada a aliança", disse o líder do PMDB, deputado Geddel Vieira Lima (BA). Além das divergências que têm com aspectos da política econômica, não é à toa que todos os presidenciáveis tucanos - José Serra, Mário Covas e Tasso Jereissati - estão dando visibilidade, nos últimos meses, às críticas a Malan.

Além dessa oposição entre os tucanos, avalia-se entre os políticos que a falta de vivência partidária de Malan o prejudicaria na corrida ao Palácio do Planalto. "O ministro não tem um grupo ou partido em torno dele", comentou uma liderança do governo no

Congresso. O fato de Malan depender do ministério, do qual é demissível, também é apontado como uma fragilidade. "Se a economia estiver bem, basta convencer o presidente a pôr outro no ministério que ganhamos a eleição", afirmou o secretário-geral do PSDB, deputado Márcio Fortes (RJ).

Ataque - A postura de Malan, rebatendo as críticas de que a área econômica seria complacente com o aumento dos preços dos remédios, chamou a atenção dos políticos no Congresso. Pela primeira vez desde que assumiu o ministério, em 1995, Malan revelou gosto por assumir postura política ofensiva. O ministro não fugiu de um embate público sobre o tema e jus-

tamente com o ministro da Saúde, José Serra, um crítico da política econômica desde a implantação do Plano Real, em 1994.

Se o ministro e seus assessores se recusam a incentivar as especulações sobre candidatura, avalia-se, no Congresso, que Malan, justamente por não ser filiado a nenhum partido, poderia aglutinar os atuais parceiros: PFL, PMDB e PSDB. Esses políticos consideram que, numa situação econômica de normalidade, o ministro poderia repetir a candidatura Fernando Henrique em 1994, que foi eleito graças ao Plano Real.

Continuidade - Outro argumento é o de que Malan também preenche um pré-requisito do pró-

prio Fernando Henrique. O presidente quer um sucessor que dê continuidade ao seu projeto econômico e social.

O ministro Pedro Malan é ainda o mais forte do governo Fernando Henrique. Nesses cinco anos, sobreviveu a várias crises da economia, inclusive a da desvalorização do real, em janeiro de 1999. Os demais ministros, sobretudo os da área social, referem-se ao predomínio de Malan como o da "tecnocracia". Mas sempre que teve que optar, Fernando Henrique tem preferido ficar, até agora, com seu ministro da Fazenda. No episódio mais recente, Clóvis Carvalho foi afastado da pasta do Desenvolvimento.